

26 - LÚCIO ALCÂNTARA

CADEIRA Nº 26
PATRONO: MANUEL SOARES DA SILVA BEZERRA

LÚCIO ALCÂNTARA

LÚCIO Gonçalo de ALCÂNTARA, filho de José Waldemar Alcântara e Silva e de Maria Dolores Alcântara e Silva, nasceu em Fortaleza, no dia 16 de maio de 1943. Fez o curso primário no Externato Catarina Labouré, o curso ginasial no Ginásio Farias Brito e curso científico nō Liceu do Ceará. Diplomando-se pela Faculdade de Medicina da UFC em 1966, fez Curso de Especialização em Medicina Tropical na Universidade de São Paulo. Sua vida profissional registra inúmeros cargos: Médico da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará e do INAMPS; Consultor para Assuntos de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFC; Organizador e primeiro Diretor do Hospital São José para Doenças Transmissíveis Agudas, hoje Doenças Infecciosas; Professor-Adjunto do Centro de Ciências da Saúde da UFC; Vice-Presidente do Instituto do Câncer do Ceará; foi Secretário de Saúde do Estado do Ceará, em três gestões. Presidente do Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Foi Prefeito Municipal de Fortaleza, Deputado Federal, em duas legislaturas, Presidente do Instituto Tancredo Neves (órgão nacional de estudos e pesquisas do PFL) e é Vice-Governador do Estado do Ceará. Entre as inúmeras condecorações que recebeu destacam-se a Medalha do Pacificador, do Ministério do Exército; a de Amigo da Marinha, do Terceiro Distrito Naval; Medalha Dr. Manoel Carlos de Gouveia, da Associação de Hospitais do Estado do Ceará; a Medalha Cidade de Fortaleza (Boticário Ferreira), da Câmara Municipal de Fortaleza; Comendador da Ordem do Ipiranga, título conferido pelo Governo de São Paulo; Medalha do Mérito Legislativo, da Câmara Municipal de Fortaleza; Diploma da Cidadania, pela participação na Campanha da Constituinte 86; Sócio Benemérito do GAPA-CE, Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS; Medalha do Mérito Tamandaré, do Ministério da Marinha; é Cidadão de diversos municípios cearenses:

Aracoiaba, São João do Jaguaribe, Camocim, Sobral, Juazeiro do Norte, Limoeiro do Norte, Paracuru, Bela Cruz, Uruoca, Quixeramobim, Baturité, Jaguaretama, Fortim, entre outros. Foi considerado o Melhor do Ano, em 1977 e 91, pelos serviços prestados ao Estado, como Secretário de Saúde, estando igualmente entre os Melhores Deputados Federais de 1984, título conferido pelo comitê de Imprensa da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará. Obras publicadas: ***Os Mastócitos na Língua do Rato Albino*** *(1963),* ***Tratamento do Calazar pela Esplenectomia,*** *a propósito de um caso (1966),* ***Abscesso Cerebral Pós-Traumático*** *(1968),* ***Hepatite por Vírus na Gestação*** *(1969),* ***Um Compromisso Interior*** *(1973),* ***O Descompasso dos Tempos*** *(1975),* ***Um Médico vê o Homem*** *(1976),* ***Dois Discursos Acadêmicos*** *(1978), em col. com Milton Dias;* ***Política Municipal de Proteção ao Ambiente*** *(1981),* ***Cem Anos de Liberdade — 1884-1984*** *(1984),* ***Um Excutivo no Parlamento*** *(s/d.),* ***Inquietações que Fazem Escrever*** *(1986),* ***Praticando a Descentralização*** *(1992) e* ***O PDT e o Nordeste*** *(1993). Pertence a várias entidades ligadas à Saúde, como o Centro Médico Cearense, a Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, a British Society for the Study of Infection, etc. Ao recebê-lo na Academia Cearense de Letras, Milton Dias, depois de destacar em suas obras "a alta graça da simplicidade sem vulgaridade" e "a plasticidade, a elegância e a pureza da frase", afirmou: "Vosso livro* ***Um Médico vê o Homem*** *revela o médico bem aparelhado de experiência, de conhecimento da sua área, ao mesmo tempo bem servido de cultura geral, o homem sensível à problemática do seu semelhante, o observador sagaz, profundo conhecedor da nossa realidade regional e nacional, capaz duma visão particular e global da humanidade, duma interpretação desapaixonada, analisando os dramas de saúde que afligem a comunidade e se refletem na vida de cada um."*

TOMAI DE MINAS A ESTRADA...

E tomei! Segui a sugestão do poeta inconfidente. Peguei a família e bati-me em direção a Minas, aproveitando os feriados da Semana Santa. Parti para um mergulho na história do Brasil, um reencontro com as igrejas barrocas e o casario colonial mineiro. Nas velhas cidades de Minas as casas se arrumam encostadas umas às outras, escoradas como para não tombarem, deterioradas, algumas, por falta de conservação adequada, mas todas dignas, por serem velhas, como dizia Machado de Assis. Cheguei por avião. Desembarquei no distante aeroporto de Confins. Moderno, frio, e eficiente como todos os grandes aeroportos. Fui a Belo Horizonte inicialmente, para depois demandar Mariana, Ouro Preto, São João Del Rey, Tiradentes e Congonhas do Campo. Cumpri o roteiro que as empresas de turismo chamam corriqueiramente de circuito das cidades históricas. Tornei a me espantar diante da riqueza das igrejas mineiras cheias de obras magníficas de mestres famosos, como Ataíde e o Aleijadinho. O sofrimento fisico deste último, Deus compensou com talento e consagração póstuma. É sem dúvida um dos gênios da escultura universal. Tudo feito naquele tempo em que colonizadores e colonizados perdidos naqueles sertões longínquos se entregavam completamente a Deus, e em louvor de seu Filho, e dos santos, erguiam templos para o culto de negros e brancos, escravos e senhores. A vida girava em torno da igreja. Mesmo que a ambição de enriquecer à custa do ouro fosse o motor da economia e da urbanização. Garimpava-se ouro e promovia-se a fé. Na igreja a vida tinha início e fim. Ali as pessoas eram batizadas. Mortas, sepultavam-nas, sob o assoalho dos templos. Ali cada um rezava acomodado em seção compatível com sua condição social. As castas se dispunham como mercadorias distintas, arrumadas em prateleiras próprias... A igreja era o braço espiritual da Corte. Na velha praça de Mariana, Igreja e Governo estão face a face. A antiquíssima Casa de Câmara e Cadeia mira de frente o belo templo consagrado a São Francisco. Entre os dois, o pelourinho. Testemunho mudo da história. Instrumento de suplício, praticado por lei, como expressão de uma sociedade socialmente injusta, mais tarde modificada ao influxo dos ventos da liberdade que

soprariam dos Estados Unidos e da Europa. Foram os precursores da libertação brasileira, os inconfidentes, que reverenciei em Ouro Preto, na sala que lhes foi destinada no Museu da Inconfidência. Sequer a tagarelice gárrula do pequeno guia que me acompanhava perturbou aquele momento de contrição cívica. As pesadas láp'des de granito ali postas não sepultaram valores eternos professados pelos inconfidentes: o amor, a liberdade. A paixão de Marília e Tomás Antônio Gonzaga permanece viva em páginas imperecíveis da literatura brasileira. O ideal de Tiradentes e seus companheiros de rebeldia permanece como lição insubstituível, inspiradora de atitudes que devem orientar o destino da Pátria, no presente e no futuro.

De Belo Horizonte, cidade planejada, outrora provinciana, pouco vi. Deu para perceber que, do que foi programado, ficou o traçado peculiar das ruas centrais, todas com nomes indígenas e dos Estados brasileiros. A urbanização acelerada supera o planejamento. Ocorreu em Goiânia. Está acontecendo em Brasília. As cidades como organismos vivos que são, rompem as amarras do planejamento. A capital mineira espraiou-se, fundiu-se com cidades vizinhas. Escalou a serra do Curral, onde se penduram residências graciosas atentando contra a preservasão dos sítios naturais. No mais arranha-céus, trânsito, o bulício das grandes metrópoles brasileiras.

Nas viagens por terra percorri estradas de ótima qualidade, ainda que íngremes e sinuosas como convém à topografia de Minas. Às margens vi serranias escalvadas, cobertas de vegetação rasteira, muito verde embora. Serras tosadas pela exploração predatória das matas. Aqui e ali repontam plantações de "pinus", tentativa canhestra de reparar o passado, substituindo-se por floresta homogênea a desordem natural processada durante séculos. Montanhas evisceradas expõem o ventre metálico, parindo riquezas extraídas pela mineração intensiva. Essas considerações não são devaneio de viajante ocioso, mas preocupação permanente de quem se interessa pela defesa da natureza . Pena que o passado não volte como um filme em " flash back". A beleza natural que estaria diante de nossos olhos certamente nos inspiraria em favor de uma exploração mais racional daquelas riquezas.

Se puder, amigo, um dia, vá. Tome de Minas a estrada...

Você vai voltar mais brasileiro. Parte importante da história do Brasil está lá. Guardada em relicários barrocos, museus, igrejas, e nos sótãos antigos de velhas casas anônimas.

Original fornecido pelo autor.

A ARTE E A CIÊNCIA

É conhecido o fato de que os pintores impressionistas se louvaram para a realização de seus trabalhos nos estudos científicos realizados no século XIX sobre as cores e a decomposição da luz. Esta foi uma relação direta de influência da ciência sobre a arte.

O futurismo de Marinetti e a pintura cubista e construtivista, são exemplos de paralelismos entre arte e ciência para os quais não encontramos explicações óbvias. Que pode haver de comum entre as teorias científicas de Langevin sobre a relatividade parcial e a arte futurista? Ou entre os estudos de Einstein sobre a terceira e quarta dimensões e a pintura cubista e construtivista, sabendo-se que estes fatos científicos e artísticos foram contemporâneos? Talvez aqui estejamos novamente diante do poder de intuicão do artista e de sua capacidade de captar no ar as transformações em curso. Pelo menos foi assim que um dos primeiros artistas construtivistas, Naom Gabo, focalizou a questão ao afirmar: "se muitos de nós sabíamos exatamente ou não o que estava acontecendo com a ciência realmente não importa. O fato é que havia qualquer coisa no ar e o artista com sua sensibilidade age como uma esponja".

Visto algo sobre as relacões existentes entre arte e ciência, quero agora me deter para examinar de modo particular as ligações da medicina com a literatura. Trata-se de associação antiga, estreita e fecunda, nem sempre amistosa, embora. Refiro-me aos autores que, tendo por tema central de suas obras os médicos e a medicina, escrevem sobre eles com talento, às vezes com razão, mas sempre com debique e ironia. Para não me alongar, fico no exemplo dos clássicos e célebres adversários da classe médica.

Por certo já adivinhastes que me refiro a Montaigne e a Moliére. Outros existem que também fizeram sobre as fraquezas dos médicos e as insuficiências da medicina a grandeza de suas obras. Mas há, também, os que sendo leigos brindaram a humanidade com descrições exatas e valiosas de variadas patologias e situações mórbidas. E não apenas no campo da perturbacão mental, onde os exemplos proliferam com espantosa minúcia e exatidão. Esta é uma contribuição nada desprezível feita à medicina pela literatura. São exemplares a perfeita descrição do epiléptico, retratado por Dostoievsky, na figura do príncipe Michkin, como também as peripécias do Dom Quixote, criação do genial Cervantes, cujo comportamento em tudo se justapõe, nas ilusões quase permanentes, alucinações e megalomanias, ao quadro da paralisia geral demencial sifilítica. Também é conhecida a observação arguta de Machado de Assis no conto "O Alienista", sobre as relações de poder entre psiquiatria e sociedade e a sutileza dos limites entre normalidade e loucura. Tratou portanto o grande romancista brasileiro com surpreendente antecedência de assunto atualíssimo, objeto de acesas discussões científicas. Observa Eduardo Maffei, em bem elaborado estudo sobre a matéria, que foi Cervantes, filho de médico, o primeiro a descrever no último capítulo de sua obra, com espantosa nota científica, a cura da sífilis nervosa pela hipertermia. É assim que ele se expressa: "Veio-lhe uma febre que o teve seis dias de cama..." e logo a seguir: "... dai-me alvíssaras que já não sou Dom Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano ..." "... já não me são valiosas todas as histórias profanas da cavalaria andante; já conheço a minha necessidade e a abomino ..." "... e foi por ele se ter mudado com tanta facilidade de doido em assisado, porque às razões já mencionadas acrescentaram outras, tão bem ditas ... e lhe fez crer que estava bom". Somente cerca de três séculos decorridos da aparição de Dom Quixote, um médico austríaco, Wagner von Jauregg, observando que uma paciente sifilítica melhorava rapidamente dos sintomas neurológicos, quando acometida de erisipela apresentava febre alta, introduziu o tratamento da neurosífilis pela piretoterapia, através da inoculação no paciente de parasitas da malária. Antevisão, presciência, simples coincidência literário-científica ou agudo senso de observação de Cervantes?

O historiador Tucídides, que descreveu a epidemia de peste que grassou no mundo entre 430 e 427 a. C., o romancista Albert

Camus, autor de *A Peste* e Tomas Mann, em *Os Buddenbrook*, este descrevendo quadros de febre tifóide e patologia respiratória, nos transmitiram fiéis descrições clínicas. fruto de atilado senso de observação. É extraindo da ficção elementos para uma interpretação científica da obra, de caráter sociológico ou psicológico, que se vêm fundindo os caminhos da ciência, sobretudo da medicina, com a literatura. A essa análise curiosa não escapam os autores cujos estudos de personalidade são do domínio da patografia que visa "descrever os aspectos interessantes para o psicopatologista da vida psíquica de uma figura histórica, política ou artística e a importância dessas manifestações e processos para explicar a criação de tais homens" (Jaspers). São exemplos de trabalhos dessa natureza os de Moebius sobre Rousseau, Goéthe e Nietzsche, os de Wilhelm Lange sobre Holderlin e os de Jaspers a propósito de Nietzsche, Strindberg e Van Gogh. Aqui o que se busca é pesquisar semelhanças entre criador e criaturas, ou seja, reflexos da personalidade do autor sobre personagens ou características de sua obra.

O médico nunca foi estranho à literatura como autor ou amante. Esta tendência decorre do cunho humanista da profissão que se consolidou a partir do Renascimento com destaque para as figuras grandiosas de Ambroise Paré e de Rabelais. Deste, diz com entusiasmo Clementino Fraga, haver sido o maior humanista médico de seu tempo e verdadeiro iniciador do humanismo científico.

Com o tempo, tem-se deteriorado, por causas várias, este aspecto humanista da profissão médica e com ele se extraviado nos doutores o gosto pela literatura. "Medicus non Literattus, non medicus nec literattus" foi o lema cunhado pelo médico e poeta italiano, Guido Bacelli. Com a transformação do médico e da medicina perdem ambas, a ciência e a arte.

O preconceito da especialização agrava ainda mais o problema, pois sopita na alma dos esculápios, e disto dou testemunho, esconsas vocações artísticas. É como se fosse defeso aos médicos, por imposição social e exigência técnica, curar de outro ofício que não o de sarar enfermos e consolar doentes, sob pena de risco grave de descrédito profissional.

A natureza da profissão médica, a vastidão de sua área de influência e o fato de situar o homem como objeto de sua atenção

nos aspectos físico, espiritual e social, responde pela freqüência com que o médico se dedica à literatura. Até o diagnóstico, fulcro da atividade médica como bem diz o médico e escritor português, Fernando Namora, sugere aptidão para compreender um dos mais fecundos exercícios que qualquer escritor possa desejar.

A história da literatura está cheia de exemplos de escritores médicos. As Academias não têm sido indiferentes aos doutores. Na Academia Brasileira de Letras, sempre estiveram presentes em representacão significativa, havendo por lá passado grandes nomes como: Afrânio Peixoto, Aloísio de Castro, Antônio Austregésilo, Miguel Couto, Oswaldo Cruz, Antônio da Silva Melo, Guimarães Rosa, Ivan Lins e tantos outros. Lá se encontram ainda Deolindo Couto, Afrânio Coutinho, Carlos Chagas Filho e Peregrino Júnior. Entre nós eles estão presentes desde a criação da Academia pois, dos treze fundadores, eram médicos o Barão de Studart, Adolfo Frederico de Luna Freire e Eduardo da Rocha Salgado. Mantendo a tradição, temos entre os acadêmicos de hoje médicos e intelectuais ilustres, que honram a profissão e dignificam a instituição a que pertencem. São eles, Carlos Studart Filho, Florival Seraine e Aderbal de Paula Sales.

Há médicos que ingressam nas Academias na qualidade de cientistas exclusivamente. Foi assim com Oswaldo Cruz. Outros fazem-se acadêmicos também em função de suas produções literárias. São os médicos escritores e os escritores médicos conforme predomine o fazer científico ou literário. Num caso está Clementino Fraga e no outro Guimarães Rosa. Une a todos a profissão, mas se distinguem na intensidade com que praticam ou cultuam a literatura. A transição de médico escritor para escritor médico é dilema de difícil solução por empeços de ordem prática e existencial abordados com felicidade pelo já citado Fernando Namora na introdução que escreveu para seu romance a *Casa de Malta*. Aliás, sobre o mesmo autor, escreveu Mário Sacramento inteligente ensaio no qual analisa a evolução da obra do romancista e médico português, mostrando a transformação da temática e do tratamento estilístico do autor à proporção que o escritor se liberta

do médico, até sua definitiva profissionalização literária. A maior parte permanece como médico escritor, por insuficiência de dotes, escassez de tempo ou temor de enveredar pelos caminhos incertos da aventura literária profissional. Só uma coisa não pode ser esquecida; a preocupação com a qualidade do que se escreve. Ser amador, ou mestre de outro ofício não exime ninguém da obrigação de realizar bem aquilo que faz por gosto, sobretudo por isto.

De *Dois Discursos Acadêmicos* (1978).

(O título do excerto é do antologista.)